DOI 10.20504/opus2018c2413

Rompendo o silêncio: alteridades e subalternidades na música e na arte sonora. Resenha do livro *The Second Sound – Conversations on Gender and Music* de Julia Eckhardt e Leen De Graeve

Camila Durães Zerbinatti
(Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC)

Apresento aqui uma resenha sobre o livro *The Second Sound – Conversations on Gender and Music* (O segundo som – conversas sobre gênero e música), de Julia Eckhardt e Leen De Graeve (2017). O contexto e as motivações da obra, a organização e as discussões trazidas pelo livro são apresentados e refletidos com o objetivo de promover sua divulgação e suas contribuições no Brasil e entre leitoras(es) de português e interessadas(os) no campo de estudos em música e gênero. É oferecida uma perspectiva descritiva e reflexiva sobre o livro, na qual ressalto a realização, alcançada pelas autoras, da promoção de diálogos sobre música e gênero, com pessoas diversas que atuam em diferentes âmbitos da música e da arte sonora, apresentados de forma criativa, acessível, plural, heterogênea, embasada e crítica.

ZERBINATTI, Camila Durães. Rompendo o silêncio: alteridades e subalternidades na música e na arte sonora. Resenha do livro *The Second Sound – Conversations on Gender and Music* de Julia Eckhardt e Leen De Graeve. *Opus*, v. 24, n. 3, p. 310-317, set./dez. 2018. http://dx.doi.org/10.20504/opus2018c2413

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Submetido em 22/09/2018, aprovado em 10/11/2018.

Apesar da extensa, rigorosa e consistente produção científica e artística em música relacionada a questões de gênero e feminismos na/em música[1] – feita, muitas vezes, também em diálogo com outros debates relacionados (como por exemplo os de classe, economia, geopolítica, raça e etnia, linguagem, estética, imigração, ética, cultura, status e corporeidade) –, conversar sobre gênero e música é, ainda hoje, tentar travar diálogos que encontram diversas resistências, interdições, hostilidades e riscos de prejuízo profissional no campo da música (em seus diversos âmbitos e estilos), como já apontado por autoras como Moisala (2015: 1-24). Nesse sentido, o livro *The Second Sound – Conversations on Gender and Music* (O segundo som – conversas sobre gênero e música), de Julia Eckhardt e Leen De Graeve (2017), oferece contribuições inovadoras ao campo de estudos em música e gênero desde sua própria concepção, proposta e formato: estimular e promover conversas sobre música e gênero com garantia de anonimato às pessoas participantes. Essas conversas são acompanhadas com reflexões embasadas sobre o que é revelado, apresentadas no livro de forma criativa e acessível, em diálogos com diferentes sujeitos da música e da arte sonora apresentados com suas diferentes perspectivas, papéis, contextos e experiências.

Algumas artistas-pesquisadoras, como Tara Rodgers (2010) e Jeniffer Kelly (2014), têm oferecido contribuições ao campo com a publicação de longas e densas entrevistas feitas exclusivamente com mulheres compositoras e criadoras sonoras, nas quais questões de gênero são abordadas, dentre outros assuntos. Em *The Second Sound...*, Eckhardt e De Graeve parecem dar um passo além nesse tipo de obra, com um projeto de pesquisa que investigou os papéis de gênero, do sexo e da sexualidade no campo artístico de musicistas/músicos e artistas sonoros(as/es). Na tentativa de pesquisar sobre como sexo e gênero moldam e determinam carreiras artísticas e estratégias de sobrevivência profissional na música e na arte sonora (2017: 9), as autoras elaboraram um questionário on-line em inglês com questões fechadas e abertas (a maioria) a ser preenchido voluntariamente pelos(as/es) próprios(as/es) participantes, com coleta de dados quantitativos e qualitativos, com garantia de sigilo e anonimato, que foi respondido por 155 artistas cis e trans – entre mulheres, homens e pessoas *queers* e não binárias – de diferentes idades e gerações, classes, nacionalidades, orientações sexuais, identidades e expressões de gênero, e atuantes em diferentes trabalhos/modalidades dos subcampos da música (2017: 13-17). O livro apresenta os resultados da pesquisa modelados em uma "conversa imaginada" entre as autoras e os(as/es) diversos(as/es) participantes que é organizada, por sua vez, pelas lentes e molduras teóricas, analíticas e artístico-poéticas de Eckhardt e De Graeve: Hannah Arendt (trabalho e atividades humanas, nos âmbitos público e privado), Sara Ahmed (alteridades, teoria feminista e teoria *queer*), Carol Gilligan ("vozes diferentes", alteridades, resistências e criatividade), vasta bibliografia acadêmica e não acadêmica em música, gênero e feminismos e por seus olhares e escutas sensíveis e inventivos (2017: 115-117).

Para melhor contextualização e apresentação desse livro e das questões que o motivaram, considero importante apresentar as autoras da obra e a localização do surgimento, realização,

[1] Como por exemplo – entre muitas outras – as iniciativas artísticas organizadas por Dissonantes; #HearAllComposers; Feminist Counterpoint; Sounding the feminists; Sonora Ciclo/Festival de Compositoras; female : pressure; IAWM – International Alliance of Women in Music; e os exemplos de produção de conhecimento – entre muitos outros – oferecidos por McClary (1991); Brett (1994); Cooper (1999); Citron (2000); Cusick (2001); Neiva (2006); Hayes e William (2007); Scarinci (2008); Hayes (2010); MacArthur (2002, 2010); Rodgers (2010); Dunbar (2011); Nogueira e Fonseca (2013); Rosa et al. (2013), Rosa e Nogueira (2015); Cunha (2014); Kelly (2014); Koskoff (2014); Scharff (2015, 2018); Born e Devine (2016).

publicação e apresentação da mesma, pois, esse volume, em si, nasce, em grande parte, das atuações das autoras nesse espaço, e, também, do próprio espaço. Eckhardt e De Graeve são artistas e pesquisadoras do *Q-O2 werkplaats*, um espaço artístico e de pesquisa sediado em Bruxelas (Bélgica), subsidiado por diferentes instituições, dedicado à música contemporânea e experimental (escrita, improvisada, acústica, eletrônica), à arte sonora e instalações, que trabalha com residências artísticas, projetos em colaboração com instituições artísticas e apresentação regular de performances e concertos. Leen De Graeve é escritora, produtora teatral, atriz e pesquisadora em literatura e teatro, com trabalho artístico relacionado às questões de gênero e artista integrante do *Q-O2 werkplaats*. Julia Eckhardt é uma atuante violista no campo da música contemporânea escrita e improvisada, integrante de *ensembles* de música experimental, conceitual e contemporânea, cofundadora e responsável artística do *Q-O2 werkplaats*, espaço onde tem desenvolvido projetos colaborativos, interdisciplinares e artísticos. Todo o percurso de pesquisa e a produção do livro se deram dentro do amplo escopo do projeto artístico *the other the self* (o/a/e outro/a/e o eu), dedicado às questões de gênero, voz, linguagem e identidade, desenvolvido pelo *Q-O2 werkplaats*, que contou com festivais, concertos, performances, oficinas e ateliês artísticos, fóruns abertos, palestras e a publicação do livro em 2017. A partir de diversos relatos, indagações e frustrações relacionados a gênero, sexualidade e sexo na música, vocalizados por artistas-residentes no *Q-O2 werkplaats* em conversas casuais ao longo de vários anos, as pesquisadoras formularam o questionário da pesquisa e, motivadas pela riqueza das respostas recebidas, quiseram então modelar e publicar em livro os resultados de pesquisa como uma "conversa imaginada" (2017: 115).

O livro *The Second Sound – Conversations on Gender and Music* é dividido em duas partes: a primeira parte apresenta os resultados da pesquisa em sete diferentes subpartes, e a segunda parte apresenta diferentes suplementos. Na Parte I encontramos, na primeira subparte, "(para começar)", uma síntese dos objetivos e resultados, e, na segunda subparte, "Os/as/es participantes", o perfil das pessoas participantes. Então, nas quatro subpartes seguintes – "Discriminação – paradigma e alteridade", "Música e arte sonora generificadas", "Navegando o campo" e "Perspectivas de mudança" – temos a apresentação detalhada da investigação e de seus dados, especialmente os qualitativos, com grande espaço reservado às respostas dadas às questões abertas, no tecer de uma grande "conversa imaginária" entre as pesquisadoras e as pessoas participantes – de fato, é nas respostas às questões abertas do questionário que ficam audíveis (e palpáveis e visíveis) os rompimentos dos silêncios vigentes sobre alteridades e subalternidades nesses campos. Essa "conversa" é organizada de acordo com o que emergiu dos questionários ao redor de quatro grandes questões ou temas reveladores dos papéis/funções que sexo, sexualidade e gênero desempenham no campo: (1) a predominância do paradigma do homem heterossexual e branco e as discriminações negativas, alteridades e subalternizações consequentes desse paradigma; (2) a hipótese da música e a arte sonora como expressões e práticas artísticas generificadas[2] (ou não); (3) questões de gênero nas estruturas, mecanismos e

[2] Generificada(o), aqui, diz respeito a processos de generificação. De acordo com os dicionários *Merriam-Webster* e *Collins*, generificação diz respeito a processos, situações, conceitos e contextos marcados e caracterizados por diferenças de gênero e/ou de papéis de gênero, com predomínio de um gênero, sexo biológico, identidade e orientação sexual em detrimento de outro(s). Isso ocorre geralmente de formas estereotipadas, preconceituosas, negativamente discriminatórias, excludentes e prejudiciais para o que e quem é preterido e resulta na produção, reprodução e/ou aprofundamento de desigualdades e opressões de gênero estruturais e estruturantes em nosso mundo. Caracterizadas por perspectivas binárias, que conferem privilégios e prejuízos desigualmente distribuídos entre os diferentes gêneros, identidades, sexos biológicos e

redes de contatos profissionais do campo artístico; (4) sugestões de ações promotoras de mudanças e transformações do/no campo com relação a sexo, sexualidade e gênero.

Na última e conclusiva subparte da Parte 1, "*Conclusion*", encontramos um resumo das discussões e dados apresentados e as "*Afterthoughts*" (reflexões posteriores), que são, junto com as duas primeiras subpartes introdutórias e as três subpartes da *Parte 2* (anexos), os trechos de escrita mais conceitual e acadêmica, mas, ao mesmo tempo, nas "*Afterthoughts*" as autoras imprimem um tom pessoal, autorreflexivo e autobiográfico, o que aproxima suas vozes à "conversa imaginada" que marca o livro. A Parte 2 apresenta quatro suplementos: (1) "Pesquisa preenchida com citações de artistas mulheres de todos os tempos e lugares" apresenta uma inventiva versão do questionário de pesquisa preenchida por citações e relatos reais de artistas mulheres de diversas épocas e lugares, como Hildegard von Bingen (1098-1179), Celia Cruz (1925-2003), Björk (1965-); (2) na subparte "Sobre gênero e sexo – um quadro biológico e cultural", as autoras trazem definições sobre gênero, sexo e sexualidade a partir de referenciais que fazem a discussão biologia-cultura; (3) em "O questionário inicial" temos acesso ao questionário inicial, respondido pelas pessoas participantes; (4) finalmente, na "Lista de modelos/exemplos a seguir", Eckhardt e De Graeve compartilham a lista de modelos e exemplos de artistas citadas(os/es) pelos(as/es) participantes como suas referências.

As autoras apontam, em sua análise, que os dados quantitativos e qualitativos da pesquisa mostram de forma consistente a notória prevalência dos códigos culturais do paradigma do homem branco e heterossexual nos diferentes âmbitos da música e da arte sonora, o que implica a percepção de todas as outras pessoas desse campo (mulheres, LGBTQI+, pessoas não binárias, pessoas não brancas) como "outros"/"outras"/"outres", em reiteradas discriminações negativas, estereótipos, exclusão, invisibilização e prejuízos profissionais. As análises apontaram também que esse "estado de coisas" demanda, dessas pessoas socialmente marcadas e subalternizadas no campo como "outros"/"outras"/"outres", o desenvolvimento de diversas estratégias para a sobrevivência artística e profissional (ECKHARDT; DE GRAEVE, 2017: 18-47). A questão sobre a generificação ou não generificação da música e da arte sonora ainda é cercada de contradições, ambiguidade, discordâncias e confusão, o que mostra a necessidade de investigações sobre as complicadas inter-relações entre arte, campo artístico, comunidade, sociedade, história, cultura e elementos identitários, individuais e subjetivos, como gênero, sexualidades, a possibilidade ou impossibilidade do exercício da função materna ou paterna concomitante à experiência artística profissional, entre outros. Os(as/es) participantes apontaram para a necessidade de superação de paradigmas como os de genialidade e autoria, do foco exclusivo nos(as) compositores(as), das rígidas e opressoras hierarquias artísticas e da permanente exigência de abstração e neutralidade "absolutas" nos diversos tipos de atuação e performatividades da música e da arte sonora (ECKHARDT; DE GRAEVE, 2017: 48-69).

Com relação aos papéis e funções de sexo e gênero nas estruturas, mecanismos e redes de contatos profissionais do campo, ou seja, à "navegação e trânsito de sujeitos no campo", os dados mostram que o campo é predominantemente masculino tanto pela falta de representatividade de não homens e pela hostilidade do campo com não homens como pelos comportamentos esperados e exigidos das (e/ou explorados pelas) pessoas no campo – da

orientações sexuais, essas marcações, caracterizações e relações de diferenças de gênero determinam, limitam, caracterizam, fazem distinções e/ou avaliações baseadas em questões ou fatores de gênero (MERRIAM-WEBSTER. COLLINS).

presença e postura de palco às fotos e vídeos usados para divulgação do trabalho, inflexão de voz, vestuário, maquiagem, visual, autoimagem, linguagem, performance musical/sonora, tipos de colaboração, tipos de posicionamentos diversos, nome artístico etc. Esse quadro tem consequências diretas (e, em geral, prejudiciais para não homens-brancos-heterossexuais) na formação de redes de contato profissionais, nos mecanismos de competição ou colaboração entre integrantes do campo, nas dinâmicas de grupo, na persistência de relações e papéis de gênero estereotipados e frequentemente opressores e excludentes nessas relações de trabalho artístico, e no reconhecimento (ou não) de diferentes tipos de funções e atuações profissionais no campo. As autoras localizam nesse cenário o papel positivo e potencialmente transformador da internet para o campo da música e da arte sonora por conta da disponibilização de possibilidades de visibilização, divulgação artística, criação de redes de contato profissionais globais através de contatos e estruturas de trabalho que se dão antes e além da aparência física e da performance/expressão e condição de gênero dos(as) artistas. Isso reitera o que diversas pesquisas sobre ciberfeminismos, feminismos em rede e ativismos digitais (feministas ou não) têm apontado: a possibilidade, inédita para muitas pessoas, de comunicação, atuação (profissional ou não) e articulação segura através das tecnologias de informação e comunicação (TICs)[3] (ECKHARDT; DE GRAEVE, 2017: 70-95).

As principais sugestões de ações em prol da transformação do campo em direção à inclusão, representatividade e diminuição de hostilidades e opressões de/para com pessoas não homens-brancos-heterossexuais se dirigiram a ações no âmbito da educação e da profissionalização em música e arte-sonora que fossem voltadas para a equidade e para a maior diversidade de gênero, mudanças no cânone e na história da arte, fornecimento de modelos/exemplos que fossem diversos, cotas de gênero (embora as iniciativas exclusivas para mulheres tenham sido criticadas, em geral, na pesquisa), necessidade de autoconsciência com relação aos marcadores sociais e identitários que fossem acompanhados pela tomada de responsabilidade consigo e com outras pessoas do campo relacionada às relações e estruturas de poder historicamente consolidadas, o que envolve mudança de atitudes, como, por exemplo, mudanças na linguagem (ECKHARDT; DE GRAEVE, 2017: 96-111).

Através de uma perspectiva inclusiva, que contou com as perspectivas de sujeitos historicamente silenciados, oprimidos e excluídos na música e na arte sonora, as autoras conseguiram apresentar dados e análises das respostas que permitem a visualização e a escuta de quatro grandes questões que emergiram nos questionários, com inter-relações entre os itens pesquisados, e também a apresentação literária imaginativa da pesquisa, no formato de uma "conversa imaginada". Esse diálogo se tornou vivo e vibrante à medida que ofereceu espaço, duração (em tempo) e reconhecimento para as vozes das diversas pessoas participantes, apresentando, na maior parte do livro, em suas próprias linguagens, suas falas, ideias, perspectivas, experiências, e, no compartilhamento de vieses de gênero externos e internos, do campo e dos próprios sujeitos que responderam ao questionário com franqueza, coragem, "voz" e audibilidade raríssimas no campo, o que certamente contribui para processos de conscientização individual e

[3] De acordo com bibliografia correlata, Ciberfeminismos e feminismos em rede (*online feminisms* ou *networked feminisms*) constituem diversas formas de articulações e ativismos focados e embasados em questões de gênero e feministas (fenômenos, movimentos, ativismos, práticas, filosofias, teorizações, conceitos, termos, debates, iniciativas, organizações, campanhas, engajamentos, entre outros) que se dão em torno de tecnologias digitais e cibernéticas de informação e comunicação (DANIELS, 2009. CONSALVO, 2012. MARTIN; VALENTI, 2013. PAASONEN, 2011).

coletiva, passos fundamentais para qualquer transformação. A construção dialógica do livro aproxima o(a/e) leitor(a/e) e torna a leitura instigante e acessível a um grande público.

Em que pese a localização geográfica das autoras e das nacionalidades da maior parte das pessoas participantes, o Norte Global (mais de um terço do total de pessoas que responderam o questionário, 78%), é perceptível, entretanto, a falta de problematização de condições e elementos geopolíticos e históricos estruturantes do colonialismo e do neocolonialismo diretamente relacionados às questões de gênero (mas não só) ainda vigentes nos campos da música e da arte sonora em todo o mundo, como na sociedade em geral. O próprio alcance do questionário, que foi majoritário entre pessoas do Norte Global e falantes e/ou leitores(as) de inglês (a língua na qual o questionário foi distribuído e também aquela na qual o livro foi publicado), é revelador de uma das principais desigualdades sociais e econômicas relacionada do mundo atualmente, que prejudica mais gravemente, em geral, mulheres, pessoas não brancas (indígenas, negras e aborígenes), LGBTIQ+ e pessoas economicamente desfavorecidas: a disparidade no acesso à internet e TICs. Essa questão crítica em uma pesquisa que partiu de horizontes inclusivos se reflete em colonialidades de poder, de saber e de ser (BALLESTRIN, 2013: 89-117) e é exemplificada pelo "silêncio" que encontramos na total ausência de participantes da/na África, América Central e Caribe na pesquisa – ambas regiões que, embora contem com campos ativos de música e arte sonora e com grande densidade populacional, são também localidades com baixos índices de acesso às TICs (especialmente a África).

Apesar desse ponto crítico, que merece investigações futuras, percebo que a apresentação arrojada dos dados no "diálogo imaginário" do livro, que torna a leitura da pesquisa reveladora e animadora, somada à linguagem concisa e simples; ao cuidadoso embasamento teórico e artístico-profissional necessário para discussões e campos específicos como esses; à relevância e possível ineditismo de muitas informações e análises presentes no livro; à compilação variada de pessoas e pontos de vista e experiências; à possibilidade de escutas de pesquisa contextualizadas e acolhedoras de diferenças e contradições artísticas, humanas, conceituais e de opiniões manifestadas pelos/as participantes; e à coragem (comovente em muitos momentos) das autoras e dos(as) participantes em romper o silêncio (tantas vezes assustador) que paira sobre as questões propostas pelo questionário na música, faz do livro uma obra de considerável importância para o campo da música e para as pessoas que o integram, em diálogos que nos fazem pensar sobre e querer ultrapassar os "**segundos**" sexos, gêneros e sons, na música, como na vida e na sociedade, de Beauvoir à Ahmed, à Eckhardt e De Graeve e a todas(os/es) nós.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n.11, p. 89-117, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/9180/6893>. Acesso em: 28 dez. 2017.

BORN, Georgina; DEVINE, Kyle. Gender, Creativity and Education in Digital Musics and Sound Art. *Contemporary Music Review*, United Kingdom, v. 35, n. 1, p. 1-20, 2016.

BRETT, Philip; WOOD, Elizabeth; THOMAS, Gary C. *Queering the Pitch:* The New Gay and Lesbian Musicology. New York: Routledge, 1994.

COLLINS. Gendered. In: *Collins English Dictionary*. Disponível em: https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/gendered. Acesso em: 20 nov. 2018.

CONSALVO, Mia. Cyberfeminism. Encyclopedia of New Media. Thousand Oaks, CA: SAGE, 2002. p. 109-110. *SAGE Reference Online*, Web. 4 Apr. 2012. Disponível em: <http://study.sagepub.com/sites/default/files/Ch17_Cyberfeminism.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2018.

COOPER, B. Lee. Women's Studies and Popular Music Stereotypes. *Popular Music and Society*, United Kingdom, v. 23, n. 4, p. 31-43, 1999.

CUNHA, Laura Cardoso. Feminaria Musical II: o que (não) se produz sobre música e mulheres no Brasil nos anais dos encontros das associações musicais brasileiras. In: REDOR - ENCONTRO NACIONAL DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO, 18., 2014, Recife. Perspectivas feministas de gênero: desafios no campo da militância e das práticas científicas. Recife: EDUFRPE, 2014. p. 3353-3980.

CUSICK, Suzanne. Gender, Musicology and Feminism. In: COOK, Nicholas; EVERIST, Mark (Org.). *Rethinking Music*. New York: Oxford University Press, 2001. p. 471- 499.

DANIELS, Jessie. Rethinking Cyberfeminism(s): Race, Gender, and Embodiment. *WSQ: Women's Studies Quarterly*, v. 37, n. 1/2, p. 101-124, Spring/Summer 2009. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/266600/pdf>. Acesso em: 28 nov. 2018.

DUNBAR, Julie C. *Women, Music, Culture*: An Introduction. New York; London: Routledge, 2011.

ECKHARDT, Julia; DE GRAEVE, Leen. *The Second Sound* – Conversations on Gender and Music. Brussels: Umland, 2017.

HAYES, Eileen M. *Songs in Black and Lavender* – Race, Sexual Politics, and Women's Music. Champaign, Illinois: University of Illinois Press, 2010.

HAYES, Eileen M; WILLIAMS, Linda. *Black Women and Music* – More than the Blues. Champaign, Illinois: University of Illinois Press, 2007.

KELLY, Jennifer. *In her Own Words:* Conversations with Composers in the United States. New Perspectives on gender in music. Urbana: University of Illinois Press, 2014.

KOSKOFF, Ellen. *A Feminist Ethnomusicology*: Writings on Music and Gender. Chicago: University of Illinois Press, 2014.

MACARTHUR, Sally. *Feminist Aesthetics in Music*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 2002.

_____. *Towards a Twenty-First-Century Feminist Politics of Music*. Farnham, United Kingdon: Ashgate Publishing, 2010.

MARTIN, Courtney E.; VALENTI, Vanessa. *#FemFuture*: Online Revolution. v. 8. New York: Barnard Center for Research on Women (BCRW), 2013. Disponível em: <http://bcrw.barnard.edu/wp-content/nfs/reports/NFS8-FemFuture-Executive-Summary.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2018.

MCCLARY, Susan. *Feminine Endings*: Music, Gender, and Sexuality. Minnesota: University of Minnesota Press, 1991.

MERRIAM-WEBSTER. Gendered. In: *Merriam-Webster American Dictionary of the English Language*. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/gendered>. Acesso em: 20 nov. 2018.

MOISALA, Pirkko. A negociação de gênero da compositora Kaija Saariaho na Finlândia: a mulher compositora como sujeito nômade. Trad. Camila Durães Zerbinatti. *Revista Vórtex*, Curitiba, v.3, n.2, p.1-24, dez. 2015.

NEIVA, Tânia Mello. *Cinco mulheres compositoras na Música Erudita Brasileira Contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Música). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

NOGUEIRA, Isabel; FONSECA, Susan Campos (Org.). *Estudos de gênero, corpo e música*: abordagens metodológicas. Goiânia; Porto Alegre: ANPPOM, 2013. (Série Pesquisa em Música no Brasil, v. 3).

PAASONEN, Susanna. Revisiting Cyberfeminism. *Communications:* The European Journal of Communication Research, v. 36, p. 335-352, 2011. Disponível em: <https://www.arifyildirim.com/ilt510/susanna.paasonen.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2018.

RODGERS, Tara. *Pink Noises:* Women on Electronic Music and Sound. Durham; London: Duke University Press, 2010.

ROSA, Laila et al.. Epistemologias feministas e a produção de conhecimento recente sobre mulheres e música no Brasil: algumas reflexões. In: NOGUEIRA, Isabel Porto; FONSECA, Susan Campos (Org.). *Estudos de gênero, corpo e música:* abordagens metodológicas. Goiânia; Porto Alegre: ANPPOM, 2013. (Série Pesquisa em Música no Brasil, v. 3). p. 110-137.

ROSA, Laila; NOGUEIRA, Isabel. O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: notas sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música. *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 25-56, 2015.

SCARINCI, Silvana. *Safo Novella*: uma poética do abandono nos lamentos de Barbara Strozzi (Veneza, 1619-1677). São Paulo: EDUSP; ALGOL, 2008.

SCHARFF, Christina. *Equality and Diversity in the Classical Music Profession*. ESRC (Economic and Social Research Council) Festival of Social Science, 2015, University of Plymouth. Plymouth, Devon, UK, 2015.

_____. *Gender, Subjectivity, and Cultural Work*: The Classical Music Profession (Routledge Research in Gender and Society). London; New York: Routledge Taylor; Francis Group, 2018.

Camila Durães Zerbinatti é violoncelista, pesquisadora e educadora. Graduada pela USP, pós-graduada pela UFRN, mestra em Musicologia-Etnomusicologia pela UDESC, bolsista CNPq – CAPES e doutoranda na área de Concentração de Estudos de Gênero do PPGICH UFSC – Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, com bolsa CNPq. Desenvolve pesquisas na área de performance e análise de Música Presente, com ênfase na performance violoncelística, e, desde 2014, no campo de estudos de Gênero, Feminismos e Música. Entre suas principais publicações estão "A emergência do Campo de Música e Gênero no Brasil: reflexões iniciais", em coautoria com Isabel Porto Nogueira e Joana Maria Pedro (2018), "Pensar práticas de memória em música: Marisa Rezende, compositora" (2018), e "A posição de sujeito nômade em/de Kaija Saariaho: reflexões sobre a abordagem de questões de gênero feitas por uma mulher compositora em declarações públicas entre 2013 e 2016" (2017). camiladuze@gmail.com